BIBLIOTECA DO CIDADÃO

O LIVRO NA RUA®

Série Diplomacia ao alcance de todos

Coleção PAÍSES



MOÇAMBIQUE

Coleção Divulgação – INCENTIVO À LEITURA – Distribuição gratuita

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

THESAURUS Editora

© Thesaurus Editora – 2011

O organizador

Embaixada de Moçambique
SHIS, QL 12, Conj. 7, Casa 9
Lago Sul
Brasília-DF, Brasil
CEP: 71630-275

Agradecemos a valiosa colaboração do
Embaixador de Moçambique,
Sr. Murade Isaac Miguigy Murargy,
pela verificação e atualização dos dados.

Coordenação, editoração, arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília
SIG Quadra 8 Lote 2356, Brasília – DF – 70610-480 – Tel: (61) 3344-3738
Fax: (61) 3344-2353 ou End. eletrônico: editor@thesaurus.com.br

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e com citação da fonte. Composto e impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

MOÇAMBIQUE



População

Devido a sua localização estratégica no Sul da África, Moçambique foi ao longo dos tempos ponto de chegada e de encontro de vários povos e culturas de que se destacam os povos Bantu da África Central, Árabes, Indianos e Europeus. No entanto, são os povos Bantu que, embora não constituam uma raça específica, mas um conjunto de grupos com uma cultura comum e uma linguagem similar, estão na origem das etnias dominantes, os *Yaos*, os *Macuas*, os *Angones*, os *Nyanjas*, os *Tongas*, os *Bitongas* e os *Muchopes* que se distribuem por

essa ordem do norte ao sul do País. Esses grupos estão ainda subdivididos por subgrupos.

Além dos descendentes dos grupos Bantu, são de destacar as comunidades Swahilis instaladas em áreas costeiras e responsáveis pela introdução do Islamismo em Moçambique, os indianos e os europeus dispersos por todo o País. Presentemente a população moçambicana é da ordem dos 21 milhões de habitantes, dos quais cerca de 30 por cento vivem nos principias centros urbanos, a saber: Maputo, Beira e Nampula.

Cultura

Moçambique sempre se afirmou como polo cultural com intervenções marcantes, de nível internacional, no campo da arquitectura, pintura, música, literatura e poesia.

Nomes como Malangatana, Chichorro, Mia Couto e José Craveirinha, entre outros, já há muito ultrapassaram as fronteiras nacionais.

Importante também e representativo do espírito artístico e criativo do povo moçambicano é o artesanato que se manifesta em várias áreas, destacando-se as esculturas dos Macondes do Norte de Moçambique.

Também na área do desporto se tem destacado em várias modalidades, como a Lurdes Mutola no atletismo.

Etnias

Moçambique é um mosaico cultural constituído por várias etnias, destacando-se as seguintes a norte do Zambeze: os Suahílis, os Macuas-Lomués, os Macuas e

os Ajauas; e a sul do Zambeze: os Chonas, os Angonis, os Tsongas, os Chopes e os Bitongas.



Mulher macua em vestes típicas
Ilha de Moçambique

Línguas

A diversidade linguística de Moçambique é uma das suas principais características culturais. Para a maioria da população (principalmente no campo), estes idiomas nacionais constituem a sua língua materna e a mais utilizada diariamente.

As diversas línguas nacionais são todas de origem bantu, sendo as principais: Cicopi, Cinyanja, Cinyungwe, Cisena, Cisenga, Cishona, Ciyao, Echuwabo, Ekoti, Elomwe, Gitonga, Maconde (ou Shimakonde), Kimwani, Macua (ou Emakhuwa), Memane, Suaíli (ou Kiswahili), Suazi (ou Siwazi), Xichangana, Xironga, Sitswa e Zulu (ou Sizulu). A língua oficial é o Português.

Turismo

A costa de Moçambique, voltada ao Índico, pela sua extensão, orografia e clima, é rica em todo o tipo de praias e berço de muitas espécies marinhas, algumas das quais em vias de extinção. No Norte predominam as praias rochosas, enquanto no Centro, junto das embocaduras dos rios, se localizam as praias lodosas confinadas por extensas margens e no Sul prevalecem as praias arenosas, com dunas altas e cobertas de vegetação rasteira.

Paralelamente à costa, ilhas isoladas ou agrupadas em pequenos arquipélagos, algumas dispondo de boas estruturas turísticas, proporcionam a observação

de variada vegetação e fauna ímpar. Nelas podem se encontrar monumentos históricos que assinalam a passagem de Árabes e Europeus, águas transparentes que convidam à natação e ao mergulho, barreiras de coral de uma beleza extraordinária, com ecossistemas ricos em espécies piscícolas raras, e um mar aberto onde é permitida a caça submarina e a pesca desportiva de algumas variedades, cuja captura é o alvo mais desejado pelos amantes desse desporto.

Entre as muitas praias que se estendem ao longo da costa, salientam-se, por mais conhecidas ou dispondo de melhores estruturas de apoio aos visitantes, as de Pemba, Ilha de Moçambique, Fernão Veloso, Chocas, VilanKulo, Tofo, Morrungulo, Inhassorro, Inhambane, Bazaruto, Zongoene, Xai-Xai, Bilene, Marracuene, Inhaca, Ponta de Ouro e Ponta Malongane.

O Parque de Gorongosa, que já foi um dos melhores da África, e outros que poderão proporcionar uma boa vivência com esta riqueza estão em franca recuperação depois da destruição pela guerra. Outros parques são os das reservas de Maputo, rica em elefantes, de Marromeu na foz do Zambeze, onde predomina o búfalo, e de Gilé e do Niassa, respectivamente a nordeste de Quelimane e nas margens do rio Rovuma.

História

Período Pré-colonial. Os primitivos povos de Moçambique eram bosquímanes caçadores e recoletores. As grandes migrações, entre 200/300 DC, dos povos Bantu de hábitos guerreiros e oriundos dos Grandes La-

gos, forçaram a fuga desses povos primitivos para as regiões mais pobres em recursos.

Antes do séc. VII, foram estabelecidos entrepostos comerciais pelos Suahil-árabes na costa para trocar produtos do interior, fundamentalmente ouro e marfim por artigos de várias origens.



Ilha do Bazaruto – província de Inhambane

Penetração Colonial. No final do séc. XV há uma penetração mercantil portuguesa, principalmente pela demanda de ouro destinado à aquisição das especiarias asiáticas.

Inicialmente, os portugueses fixaram-se no litoral onde construíram as fortalezas de Sofala (1505), Ilha de Moçambique (1507). Só mais tarde, através de processos de conquistas militares apoiadas pelas atividades missionárias e de comerciantes, penetraram para o interior onde estabelecerem algumas feitorias como a de Sena (1530), Quelimane (1544). O propósito já não era o simples controle do escoamento do ouro, mas, sim, de dominar o acesso às zonas produtoras do ouro. Esta fase da penetração mercantil é designada de fase de ouro.

As outras duas últimas por fase de marfim e de escravos na medida em que os produtos mais procurados pelo mercantilismo eram exatamente o marfim e os escravos respectivamente. O escoamento desses produtos foi efetivado através do sistema dos Prazos do Vale do Zambeze que teriam constituído a primeira forma de colonização portuguesa em Moçambique. Os prazos eram

uma espécie de feudos de mercadores portugueses que tinham ocupado uma porção de terra doada, comprada ou conquistada.

A abolição do sistema prazeiro pelos decretos régios de 1832 e 1854 criou condições para a emergência dos Estados Militares do Vale do Zambeze que se dedicaram ao tráfico de escravos, mesmo após a abolição oficial da escravatura em 1836 e mais tarde em 1842. No contexto moçambicano as populações macúa-lómué foram as mais sacrificadas pela escravatura. Muitos deles foram exportadas para as ilhas Mascarenhas, Madagáscar, Zanzibar, Golfo Pérsico, Brasil e Cuba. Até cerca de 1850, Cuba constituía o principal mercado de escravos Zambezianos.

Com o advento da Conferência de Berlim (1884/1885), Portugal foi forçado a realizar a ocupação efetiva do território moçambicano. Dada a incapacidade militar e financeira portuguesa, a alternativa encontrada foi o arrendamento da soberania e poderes de várias extensões territoriais a companhias majestáticas e arrendatárias. A Companhia de Moçambique e a Companhia do Niassa são os exemplos típicos das companhias majestáticas. Companhia da Zambézia, Boror, Luabo, Sociedade do Madal, Empresa Agrícola do Lugela e a Sena Sugar Estates perfazem o exemplo de companhias arrendatárias. O sistema de companhias foi usado no norte do rio Save.

Estas dedicaram-se principalmente a uma economia de plantações e um pouco do tráfico de mão de obra para alguns países vizinhos. Ao sul do rio Save, províncias de Inhambane, Gaza e Maputo ficaram sob

a administração direta do Estado colonial. Nesta região do País foi desenvolvida basicamente uma economia de serviços assente na exportação da mão de obra para as minas sul-africanas e no transporte ferro-portuário via Porto de Maputo. Esta divisão econômica regional explica a razão da atual assimetria de desenvolvimento entre o Norte e o Sul de Moçambique.

A ocupação colonial não foi pacífica. Os moçambicanos impuseram sempre lutas de resistência com destaque para as resistências chefiadas por Mawewe, Muzila, Ngungunhane, Komala, Kuphula, Marave, Molid-Volay e Mataca. Na prática a chamada pacificação de Moçambique pelos portugueses só se deu no já no séc. XX.

A Luta pela Independência. A opressão secular e o colonial fascismo português acabaria por obrigar o povo moçambicano a pegar em armas e lutar pela independência. A luta de libertação nacional foi dirigida pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Esta organização foi fundada em 1962 através da fusão de 3 movimentos constituídos no exilo, nomeadamente, a UDENAMO (União Nacional Democrática de Moçambique), MANU *(Mozambique African National Union* – União Nacional Africana de Moçambique) e a UNAMI (União Nacional de Moçambique Independente). Dirigida por Eduardo Chivambo Mondlane, a FRELIMO iniciou a luta de libertação Nacional a 25 de setembro de 1964 no posto administrativo de Chai na província de Cabo Delgado.

O primeiro presidente da FRELIMO, Eduardo Mondlane, morreu assassinado em 3 de fevereiro de 1969. A ele sucedeu Samora Moisés Machel que proclamou a independência do País em 25 de junho de 1975. Machel morreu num acidente aéreo, ainda por esclarecer, em M'buzini, vizinha África do Sul. Foi sucedido por Joaquim Alberto Chissano, que conduziu o processo de restabelecimento da paz em Moçambique.

A partir do início dos anos 1980, o País viveu num conflito armado dirigido pela RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique), apoiada pelo regime sul-africano do Apartheid. O conflito que ceifou muitas vidas e destruiu muitas infraestruturas econômicas só terminaria em 1992 com a assinatura dos Acordos Gerais de Paz entre a FRELIMO e a RENAMO. Em 1994 o País realizou as suas primeiras eleições multipartidárias ganhas pela FRELIMO. Desde então a FRELIMO ganhou outras três eleições em 1999, 2004 e 2009, permanecendo até hoje no poder.

Religião

Cristianismo: Catolicismo e Protestantismo (30%); Islamismo: Norte do País (20%) e Cultos tradicionais: (50%)

Economia

Moçambique independente herdou uma estrutura econômica colonial caracterizada por uma assimetria entre o Norte e o Sul do País e entre o campo e a cidade. O Sul é mais desenvolvido que o Norte e

a cidade, mais desenvolvida que o campo. A ausência duma integração econômica e a opressão extrema da mão de obra constituíam as características mais dominantes dessa assimetria.

A estratégia de desenvolvimento formulada para inverter esta assimetria apostou numa economia socialista centralmente planificada. No entanto, as conjunturas regional e internacional desfavoráveis, as calamidades naturais e um conflito militar interno de 16 anos inviabilizaram a estratégia. O endividamento externo (cerca de 5,5 biliões em 1995) obrigou o País a uma mudança radical para uma estratégia de desenvolvimento do mercado, filiando-o nas Instituições de Bretton Woods e a consequente adaptação dum Programa de Ajustamento Estrutural, a partir de 1987.

Desde então, o País tem estado a registar um notável crescimento econômico. O Produto Interno Bruto (PIB) tem crescido numa média acima de 7-8% ao ano, chegando mesmo a atingir níveis de 2 dígitos. A inflação está abaixo de 10%. A tendência é mantê-la em um dígito. Em termos monetários, Moçambique possui um dos regimes cambiais mais liberalizados de África. Os parceiros comerciais externos têm motivos suficientes para inspirarem uma grande confiança pelo País face à capacidade que as autoridades monetárias têm conseguido manter de volumes adequados de meios de pagamento sobre o exterior. As reservas externas do Banco Central têm se situado acima dos seis meses de importação de bens e serviços.

O Estado, através da execução da sua política orçamentária, regula e dinamiza as áreas socioeconômicas

mais importantes e cria um bom ambiente de negócios muito favorável ao desenvolvimento da iniciativa privada. As reformas jurídicas no âmbito da legislação financeira, fiscal, laboral, comercial e da terra levadas a cabo pelo Governo contribuem de forma significativa para o fortalecimento desse bom ambiente.

O potencial econômico do País para a atração de investimentos na agroindústria, agricultura, turismo, pesca e mineração é enorme. Projetos como o da Mozal, Barragem de Cahora Bassa, Corredores Ferro-Portuários e complexos turísticos ao longo de todo o País têm contribuído significativamente para colocar Moçambique na rota dos grandes investimentos regionais e internacionais.

Apesar do notável crescimento econômico que o País vem registando, muitos moçambicanos continuam vivendo abaixo da linha da pobreza. O combate à pobreza absoluta constitui uma das grandes prioridades do Governo.

Um dos principais produtos exportados por Moçambique é o alumínio. Graças a esses investimentos foi possível a criação da MOZAL, uma fundição de alumínio que desde 2000 vem atuando no setor e melhorando a situação do país economicamente. Outra empresa importante para o país é a Hidrelétrica Cahora Bassa, que exporta energia para a África do Sul e outros países da região.

As exportações tradicionais moçambicanas são principalmente do setor primário, como caju, camarão, peixe, coco, açúcar, algodão, chá, limão e frutas exóticas. Além desses produtos, são exportados também ma-

deiras e energia. Os principais destinos das exportações são os Países Baixos, 55,5%, a África do Sul, 9,2%, e o Zimbabwe, 2,1%. Já suas importações são em sua maioria de indústria de ponta, como maquinaria e equipamentos, veículos e produtos químicos, além desses, combustíveis, produtos metálicos, produtos alimentícios e têxteis integram a pauta de produtos importados. Esses itens são oriundos principalmente da África do Sul, 27,4%, dos Países Baixos, 15,7%, e da China, 4,3%.

A agricultura corresponde a 24% do PIB e é composta por algodão, cana-de-açúcar, castanha de caju, mandioca, chá, coco, milho, girassol, batata, sisal, citros e frutas tropicais, carne bovina e aves. A indústria contribui com 30,6% do PIB e produz alimentos, bebidas, produtos químicos (fertilizantes, sabão e tintas, entre outros), produtos têxteis, derivados de petróleo, alumínio, cimento, vidro, tabaco e amianto. Já o setor de serviços compõe 45,3% do PIB.

Dados Básicos

Nome oficial: República de Moçambique
Forma de governo: Democracia Constitucional
Chefe de governo: Presidente Armando Emílio GUEBUZA (2005- 2009 e 2010-2014)
Independência: 25 de junho de 1975 (Portugal)
Língua oficial: Português
Capital: Maputo
Área: 799.380km²
População: 22.894.300 (2009)
Densidade demográfica: 29 habitantes/km²

PIB (GDP): US$9.654 milhões (2009 est.)
PIB per capita: US$422 (2009)
Moeda: Metical
Exportações: US$1.946 milhões (2009.)
Importações: US$3.096 milhões (2009)
Alfabetização: 46,4% (2003)



Para Saber Mais

CHABAL, Patrick (Ed.). *A History of Postcolonial Lusophone África.* London: Hurst & Company, 2002.
KASSOTCHE, Florentino. *Globalização. Reflexões sobre o caso de Moçambique.* Instituto Superior de Relações Internacionais, 1999.
MÁRIO, Tomás Vieira. *Negociações de Paz de Moçambique.* Maputo: Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais do Instituto Superior de Relações Internacionais, 2004.
MOSCA, João, e ZANZALA, Julien (Coord.). *Economia dos PALOP.* Lisboa: Instituto Piaget, 2006.
SOPA, António. *Samora, homem do povo. Maputo,* Editores Maguezo, 2001.
TORP, Jens Erik. *Mozambique.* London and New York: Pinter Publishers, 1989.



Maputo, Moçambique
(Fonte: http://blog.ratestogo.com/top-25-fastest-growing-cities-i/)

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

A Fundação Alexandre de Gusmão realiza atividades culturais e pedagógicas, além de estudos e pesquisas no campo das relações internacionais e da política externa brasileira, promovendo e divulgando reflexões sobre o cenário internacional e o Brasil no mundo.

www.funag.gov.br